**FACULDADE DE ADMINISTRAÇÃO E NEGÓCIOS DE
SERGIPE**

FANESE

CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO “LATO SENSU”

**ESPECIALIZAÇÃO EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO,
INTERPRETAÇÃO E ENSINO DA LÍNGUA ESTRANGEIRA**

ALINE DE OLIVEIRA REZENDE LIMA

**A Formação do Tradutor Profissional: uma visão histórica e
reflexões sobre a realidade contemporânea**

Aracaju - SE

2019.1

ALINE DE OLIVEIRA REZENDE LIMA

A Formação do Tradutor Profissional: uma visão histórica e reflexões sobre a realidade contemporânea

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Administração e Negócios de Sergipe - FANESE, como um dos pré-requisitos para a obtenção do título de Especialista em Tradução, Interpretação e Ensino de Língua Estrangeira.

Orientadora: Prof^a Dr^a Stefania Buonamassa

Coordenadora de Curso: Mônica Maria Soares Santos

Aracaju - SE

2019.1

A Formação do Tradutor Profissional: uma visão histórica e reflexões sobre a realidade contemporânea

Aline de Oliveira Rezende Lima¹
Stefania Buonamassa²

RESUMO

O objetivo desse artigo é investigar quais são os elementos formativos imprescindíveis à prática profissional da tradução na sociedade contemporânea brasileira e quais as competências que esses tradutores devem possuir para exercer tal ofício. Para isso, foi necessário contextualizar alguns aspectos históricos da tradução no Brasil e suas interfaces com a formação pedagógica do profissional. Este artigo baseia-se em pesquisa bibliográfica, realizada a partir de fontes secundárias, como: Google Acadêmico, pesquisas em livros, revistas científicas, periódicos eletrônicos acerca do tema proposto; também foram utilizados como fontes primárias de pesquisa, dois projetos pedagógicos de duas instituições de Ensino Superior com sede em Sergipe que oferecem cursos de especialização em tradução e interpretação. Ao analisar as oportunidades de formação de tradutores, ficou patente que existem cursos de graduação e pós-graduação em várias regiões do Brasil, inclusive em Aracaju. Sugerimos iniciativas empresariais dedicadas a incrementar a oferta de serviços em nosso Estado, valorizando os profissionais já existentes e em formação.

Palavras-chave: Tradução. Tradutor. Competência tradutória.

¹ Pós-Graduanda do Curso de Especialização em Estudos da Tradução, Interpretação e Ensino de Língua Estrangeira pela Faculdade de Administração e Negócios de Sergipe (2019), com graduação em Licenciatura Letras-Inglês pela Universidade Tiradentes (2017).

² Doutora em Línguas e Literaturas Estrangeiras pelo Instituto Universitario Orientale di Napoli (1990), com Especialização em Língua e Literatura Portuguesa, ênfase em Filologia Românica e trabalhos de pesquisa sobre expressões linguísticas do Nordeste brasileiro.

The Academic of the Professional Translator: a historical review and reflections on contemporary reality

ABSTRACT

The objective of this paper is to investigate which are the essential formative elements to the professional practice of the translation in the Brazilian contemporary society and what are the competences that these translators must possess to carry out their work. For this, it was necessary to contextualize some historical aspects of the translation in Brazil and its interfaces with the pedagogical formation of the professional. This paper is based on bibliographic research, carried out from secondary sources, such as: Google Scholar, researches in books, scientific journals, electronics journals about the proposed theme; were also used as primary sources of research, two pedagogical projects of two institutions of tertiary education with headquarters in Sergipe that offer specialization courses in translation and interpretation. When analyzing the opportunities for training translators, it became clear that there are undergraduate and postgraduate courses in various regions of Brazil, including in Aracaju. We suggest business initiatives dedicated to increasing the offer of services in our State, valuing existing professionals and in training.

Keywords: Translation. Translator. Translation competence.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	6
2. BREVE SÍNTESE DA SITUAÇÃO DO OFÍCIO DA TRADUÇÃO NO BRASIL	7
2.1 – Alguns Aspectos Históricos da Tradução no Brasil	7
3. FORMAÇÃO DO TRADUTOR PROFISSIONAL.....	11
3.3.1 – A Competência Tradutória e os seus componentes	13
3.3.2 A Realidade da Formação dos Tradutores e Intérpretes no Brasil	15
3.3.2.1 A Formação de Tradutores em Sergipe	16
3.3.3 O Mercado da Tradução, entre a teoria acadêmica e a prática profissional	18
REFERÊNCIAS	22

1. INTRODUÇÃO

Apesar de a atividade tradutória ter estado presente desde tempos remotíssimos, em épocas mais recentes testemunhou uma plena expansão e profissionalização seja para facilitar o processo comunicativo entre as nações, como também, para facilitar a comunicação entre as pessoas que falam diferentes idiomas.

A tradução cresce, cada vez mais, como prática profissional e como campo acadêmico, com pesquisas e cursos de qualificação. Isso ocorre devido ao processo típico de globalização e das relações humanas que, diariamente, expande o mercado de trabalho para tradutores. Porém, no Brasil, não há regulamentação do trabalho de tradutor como profissional da linguagem.

As questões norteadoras são: - Quais são os saberes que servem de base para o ofício do tradutor profissional?; - Quais são as competências que os tradutores devem possuir para exercer o seu ofício?

Portanto, com base nas questões norteadoras, o objetivo desse trabalho é investigar quais são os elementos formativos imprescindíveis à prática profissional da tradução na sociedade contemporânea brasileira e quais as competências que esses tradutores devem possuir para exercer tal ofício. Para isso, foi necessário contextualizar alguns aspectos históricos da tradução no Brasil e suas interfaces com a formação pedagógica do profissional, bem como nos parâmetros da experiência tradutória levada adiante.

O interesse que esse tema desperta deve-se ao fato de que, sendo o mercado de trabalho em tradução concorrido, o tradutor profissional deve se destacar nesse ramo; daí, urge definir quais são os saberes que esses profissionais devem ter e quais competências devem possuir para exercer com primor a atividade e se destacar em um mercado cada vez mais competitivo, onde muitas vezes o elemento mais prezado pelos clientes é tão somente o preço. Espera-se que este trabalho possa servir como fonte de consulta para tradutores profissionais em seu início de carreira, mas também que possa servir como um norte para quem, como pessoa física ou jurídica, necessite dos serviços de um tradutor, e saiba que, para além do preço, há vários outros elementos a ser considerados, tais como formação profissional, experiência na área de tradução, competência tradutória, dentre outros fatores. Esperamos que a escassa oferta de

serviços profissionais de tradução e interpretação em nosso Estado possa ser reconsiderada, também graças a este trabalho, pelo mundo empresarial e também acadêmico, e assim alavancar novas atividades que possam oferecer serviços profissionais e valorizar os recursos humanos imprescindíveis à sua realização.

Este artigo baseia-se em pesquisa bibliográfica, realizada a partir de fontes secundárias, como: Google Acadêmico, pesquisas em livros, revistas científicas, periódicos eletrônicos acerca do tema proposto; também foram utilizados como fontes primárias de pesquisa dois projetos pedagógicos de duas instituições de Ensino Superior com sede em Sergipe que oferecem cursos de especialização em tradução e interpretação. A primeira etapa do investigador, uma vez definido o seu objeto, foi proceder a uma revisão bibliográfica, capaz de projetar luz e permitir na sequência uma melhor classificação, ordenação e compreensão do tema pesquisado (LAKATOS e MARCONI, 2010, p. 166). Essa pesquisa pretende alcançar uma abordagem inovadora que subsidie na atualidade para uma reflexão sobre a realidade contemporânea da formação profissional do tradutor. O objeto de estudo em questão foi refletir sobre a formação do tradutor profissional.

2. BREVE SÍNTESE DA SITUAÇÃO DO OFÍCIO DA TRADUÇÃO NO BRASIL

2.1 – Alguns Aspectos Históricos da Tradução no Brasil

As primeiras expressões da arte tradutória no século XVI no Brasil estão ligadas à componente literária dessa arte. De fato, podemos afirmar que a história da tradução no Brasil se inicia através da tradução de textos religiosos e obras do jesuíta João de Azpicuelta Navarro, considerado o primeiro tradutor no Brasil com a publicação da *Suma Doutrina Cristã na Língua Tupi* (1557), além de ter traduzido nos anos de 1550, orações e sermões para o trabalho catequético na Bahia (PEREIRA, 2012).

Em São Paulo, se destacou o jesuíta José de Anchieta (1534-1597) que difundiu os preceitos do Cristianismo, na cultura dos nativos do Brasil colonial. Ele chegou ao Brasil em 1553, para um trabalho missionário e catequético. Os jesuítas organizavam a resistência de índios contra a escravidão e a matança promovida pelos colonizadores. As atividades jesuíticas, no Brasil, apoiadas pela Coroa Portuguesa, duraram 210 anos (de 1549 até 1759) (ANCHIETA, 1977). Esse jesuíta escreveu várias

peças - entre as mais famosas estão *Na Festa de Natal, Na Aldeia de Guaraparim e Na Festa de São Lourenço* - que apresentava aos índios e aos colonos nas línguas tupi, portuguesa, espanhola e latina (HERNANDES, 2008). José de Anchieta além de grande tradutor, figura também como primeiro autotradutor do Brasil (SILVA-REIS; MILTON, 2016, p. 5).

No século XVII, além dos jesuítas tradutores, podemos destacar os nomes de Diogo Gomes Carneiro e Gregório de Matos Guerra. O primeiro, provavelmente, nasceu em Cabo Frio (Rio de Janeiro, 1618), era escritor e cronista-geral do Brasil. Contudo, tornou-se conhecido por suas traduções do Português, Latim e Italiano, entre elas: *História da Guerra dos Tártaros* (1657), *História do Capuchinho Escocês* (1657) e *Instrução para o bem crer, e bem obrar, e bem pedir* (1674) (RODRIGUES-MOURA, 2009, p. 33). Já o segundo, nascido na Bahia em 1636, bacharel em direito e poeta (representante do barroco brasileiro), é pouco conhecido como tradutor, mas traduziu várias obras de poetas espanhóis e italianos (PERES; LA REGINA, 2000, p. 15, p. 23 e p. 49). Gregório de Matos inaugura no século XVII outro paradigma da História da Tradução escrita: a *tradução-apropriação*. O poeta traduz e se apropria de versos, fragmentos de versos ou quartetos inteiros (PIRES, 1998, p. 164). Nesse tipo de tradução se praticava a imitação e, não era de praxe nomear o autor da obra traduzida e do tradutor (WYLER, 2003).

No século XVIII, ocorreu a ampliação do território brasileiro. Essa época foi marcada por várias batalhas e guerras, tais como a Guerra dos Mascates, a Inconfidência Mineira e a Conjuração Baiana, que despertaram e acirraram o sentimento de brasilidade. Além disso, a riqueza, o trabalho e o poder passaram do açúcar para o ouro, do Nordeste para o centro da colônia. A língua começa a se unificar e o plurilinguismo do século anterior começa a se dissipar, ora por meio de leis ou proibições, ora pelo genocídio ou expulsão dos falantes de outras línguas que não a portuguesa. Em suma, o paradigma da História da tradução nessa época é o da *tradução-revolução*, em que o conhecimento difundido de forma ilegal através das traduções tinha como resultado duas vertentes que andaram juntas durante o século: a reflexiva e a acional. A primeira levou a uma nova maneira de pensar o Brasil nos diversos domínios, e a segunda instigou diversas rebeliões, guerras e batalhas (SILVA-REIS; MILTON, 2016, p. 10 e 15).

O século XIX foi de grandes mudanças políticas, sociais e econômicas, representado por três diferentes tipos de governos no Brasil: a Colônia (1801-1821), o

Império (1822-1888) e a República (1889 em diante). Um fato que se destacou e ocorreu em 1808 com a chegada da família real, foi o fim da proibição de publicação e feitura de livros, bem como a institucionalização da figura do intérprete. Esses fatos demonstram de início como a tradução (enquanto processo e produto) e o tradutor (como agente tradutório) foram imprescindíveis para a História do Brasil (SILVA-REIS; MILTON, 2016, p. 15).

No século XX, e no início do século XXI, a tradução e a interpretação no Brasil foram duas áreas que cresceram muito, tanto em termos quantitativos quanto de profissionalização, em grande parte como resultado das mudanças pelas quais o Brasil passou de um país agrícola, fortemente dependente da exportação de café, para um grande país industrial e exportador de bens industriais (SILVA-REIS; MILTON, 2016, p. 21).

Os primeiros livros sobre os Estudos da Tradução no Brasil foram os de Paulo Rónai (1907-1992), exilado húngaro, professor, tradutor, e editor da importante tradução da *Comédia Humana* de Balzac (1945). No final da década de 1980 e na década de 1990, a universidade brasileira começou a se interessar pelos Estudos da Tradução (SILVA-REIS; MILTON, 2016, p. 31-32).

Até o final de 1980, o esquema de trabalho do tradutor era bastante simples. Os textos para tradução eram enviados pelo correio ou por mensageiro, ou o próprio tradutor os buscava pessoalmente. O tempo decorrido entre o intervalo da contratação e o início da tradução dava oportunidade ao profissional de se preparar melhor para essa tarefa, procurando informações, fontes de pesquisa e eventualmente dicionários específicos, caso ainda não os possuísse, relativos ao assunto a ser traduzido. Nesse sentido, vale ressaltar que os recursos de pesquisas disponíveis limitavam-se as obras de referência e textos paralelos impressos, além de consultas a especialistas. O trabalho de pesquisa do tradutor era mais rudimentar e a produtividade, bem menor, devido ao uso da máquina de escrever (MARTINS, 2006, p. 28).

Com o passar dos anos e em épocas mais recentes e, especificadamente, em relação à atividade de tradução (portanto escrita), de acordo com Costa (2012, p. 156), com o movimento de unificações de nações em blocos (ocorridos em dezembro de 1995), tais como os que ocorreram entre o MERCOSUL (Mercado Comum do Sul) e a União Europeia houve a necessidade de diálogo e compreensão entre as partes envolvidas, em prol de objetivos comuns. Em virtude disso, a presença de tradutores fez

se necessária devido a uma necessidade, cada vez maior, de comunicação entre as nações.

No final dos anos de 1990 até os dias de hoje (2019), o cenário vê-se drasticamente modificado e pode ser assim definido, em linhas gerais:

- os textos chegam para os tradutores quase em tempo real, enviados por e-mail ou correio expresso, e os prazos ficaram muito reduzidos, devido aos ganhos de produtividade propiciados pelos inúmeros recursos das estações de trabalho informatizadas que todo profissional deve ter;

- a facilidade de comunicação e globalização criaram relações de trabalho até então impensadas: textos produzidos fragmentariamente em vários idiomas que devem ser traduzidos para uma língua só; clientes e prestadores de serviço que se relacionam virtualmente, transferindo textos e valores (correspondentes ao pagamento) pela internet; equipes de tradução multilíngues e intercontinentais; megaprojetos de tradução, nos quais cada tradutor participa de uma etapa específica e pontual muitas vezes sem ter uma visão do conjunto;

- as modalidades de tradução ampliam-se cada vez mais, exigindo-se não só conhecimentos linguísticos, bem como o domínio de técnicas específicas, como programas de legendas e sistemas de memória de tradução (MARTINS, 2006, p. 29).

Com essa modificação no cenário da tradução a existência da informatização foi inevitável para auxiliar o tradutor na produtividade e qualidade de seu trabalho. Existem programas de auxílio à tradução, ferramentas específicas que funcionam como uma memória de tradução do profissional, alimentada pelo tradutor, disponível à consulta e à recuperação quando necessário. Segundo Zerfass (2002, p. 49), a memória de tradução é a que mais se destaca entre as ferramentas de tradução. Ela armazena trechos inteiros de traduções já realizadas pelo tradutor (por meio de um processo de segmentação do texto) ou por outro tradutor/firma de tradução, e os disponibiliza para comparação e/ou simples cópia do trecho. De acordo com Bowker e Barlow (2000) apud Fromm (2015, p. 9) um exemplo é o programa *WordFast*, que funciona como uma macro para o *Microsoft Office*. Outros programas, além de conterem um módulo de memória de tradução, também disponibilizam para o tradutor uma série de ferramentas para o gerenciamento de terminologia; como por exemplo, o *Trados* (nesse programa são acoplados diversas ferramentas dentre elas, o *Tranlator's Workbench*, o *Multiterm* e o *SDLX*). As ferramentas de tradução foram projetadas para tornar o trabalho do tradutor mais fácil, rápido e eficiente, porém muito tempo tem que

ser gasto em tarefas de avaliação, treinamento e administração dessas ferramentas por parte do tradutor (ZERFASS, 2002, p. 49).

Fromm (2015, p. 11) considera que as ferramentas informatizadas de tradução estão na vanguarda das tecnologias que auxiliam o tradutor, mas pressupõem que o usuário seja um tradutor com alguma experiência ou muita experiência na área. Outra ferramenta bastante utilizada são os dicionários em qualquer formato, que ainda fazem parte do aprendizado básico para quem trabalha com tradução.

No século XXI, temos o paradigma da tradução-inclusão, em que outros tipos de traduções são estudados na universidade e tornam-se parte do mercado de trabalho. Como exemplo, podemos citar o projeto de Eduardo Navarro da Universidade de São Paulo (USP), que, juntamente com seus alunos de pós-graduação e outros pesquisadores da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), organizam um projeto no município de São Gabriel Cachoeira, no estado do Amazonas, para treinar professores na língua baniwa, nheengatu e tukano, as línguas cooficiais do município, única unidade administrativa oficialmente multilíngue no Brasil. Os alunos do Prof. Navarro além de produzirem material didático, traduzem obras literárias para os idiomas indígenas, que serão usados como material de leitura escolar para ajudar a restabelecer essas línguas (SILVA-REIS; MILTON, 2016, p. 35-36).

3. FORMAÇÃO DO TRADUTOR PROFISSIONAL

De acordo com Martins (2006, p. 27) o principal objetivo de um curso de formação de tradutores é levar o aprendiz a adquirir competência e a integrar-se com sucesso à comunidade de profissionais da área. A referida autora faz uma indagação; como formar tradutores, ou seja, como capacitar os aprendizes a produzir traduções que atendam às crescentes e cada vez mais variadas demandas do mercado?

A própria autora responde a esse questionamento:

Os professores envolvidos nesse projeto precisam empenhar seus esforços no sentido de atualizar constantemente os programas, abordagens e estratégias de ensino de modo a cumprir eficientemente o seu papel pedagógico (MARTINS, p. 27-28).

A preparação dos professores que atuam em curso de formação de tradutores, nas instituições de ensino brasileiras, é bem diversificada. Muitos tradutores vêm da área de ensino de língua estrangeira, outros embora exercendo a profissão, não

têm formação específica em Letras, Linguística ou Tradução e outros, ainda são egressos de cursos de formação de tradutores. Esses perfis não são estanques; as combinações mais diversas podem ocorrer, resultando em um acúmulo de vivências e experiências (MARTINS, 2006, p. 31).

Diante das mudanças às quais ficou exposta a atividade do tradutor, é preciso repensar as abordagens tradicionais, na formação desse profissional de modo a atender às novas demandas e propiciar o desenvolvimento das competências necessárias. Martins (2006, p. 30-31), faz uma reflexão sobre o que deve ser a preocupação dos professores, durante a formação dos tradutores: no ambiente da sala de aula, procurar apresentar, analisar, desenvolver e vivenciar requisitos e componentes das competências mais valorizadas atualmente; levando os aprendizes a trabalhar em equipe, a negociar com os colegas, com o professor e até com clientes (de preferência em situações reais, e não simuladas) e desenvolver a capacidade de se autoavaliar (não em termos da qualidade de seu trabalho, mas também da sua produtividade e possibilidade de cumprir prazos e dar conta de tarefas) e a buscar uma atualização constante no que diz respeito à tecnologia e a conhecimentos, inclusive sobre terminologia, lexicografia, técnica de revisão e de gestão de projetos de tradução. As habilidades linguístico-discursivas interpessoais (que envolvem capacidade de interação) e intrapessoais (que levam à autoestima e ao autoconhecimento), das quais depende o sucesso, no mercado globalizado da tradução, esses aspectos são importantes tanto para o aprendiz quanto para o professor.

O reconhecimento da profissão de tradutor se deu no Brasil, através da Portaria nº. 3.264, de 27 de setembro de 1988, e foi publicado no Diário Oficial, em 3 de outubro de 1988 (BRASIL, 1988). Depois dessa publicação, a profissão de tradutor foi incluída na CBO (Classificação Brasileira de Ocupações). A CBO tem o reconhecimento no sentido classificatório dessa ocupação e não da sua regulamentação. A regulamentação, diferentemente da CBO, é realizada por Lei cuja apreciação é feita pelo Congresso Nacional, por meio de seus deputados e senadores e submetida à sanção do Presidente da República. A inclusão da profissão de tradutor, na CBO, gera para a categoria profissional um sentimento de valorização e de inclusão social (BRASIL, 2010).

No Brasil, as traduções de documentos oficiais devem ser feitas pelos denominados “Tradutores Públicos e Intérpretes Comerciais”, cujo trabalho tem fé pública (ou seja, suas traduções são aceitas como documentos oficiais em todas as

instâncias legais). São os mais antigos profissionais oficialmente em exercício e os únicos cuja profissão seja regulamentada através do Decreto Federal nº 13.609, de 21 de outubro de 1943 (BRASIL, 1943). Para exercer a profissão esses tradutores devem ser aprovados em Concurso Público realizado pelas Juntas Comerciais de cada Estado do Brasil. Uma vez aprovado no concurso, o tradutor obtém o direito a exercer a profissão, direito esse que é vitalício. São também as Juntas Comerciais que estabelecem os honorários a serem cobrados, publicando uma tabela de preços no Diário Oficial da União (BARBOSA, 2005, p. 8).

3.3.1 – A Competência Tradutória e os seus componentes

Wilss (1982) apud Pym (2008, p. 13), prende-se ao conceito de somatórios de línguas para definir a competência tradutória: os tradutores “têm que ter competência analítica de textos na língua original e uma competência reprodutiva de textos na língua da tradução”. Sendo assim os tradutores são pessoas competentes em pelo menos dois idiomas.

Já Hurtado (1996) apud Pym (2008, p. 17), amplia o conceito de competência tradutória, segundo o qual os tradutores devem ter competência linguística, extralinguística, textual (compreensão e produção), “habilidades profissionais” gerais e “competência de transferência”.

Existe outra abordagem diferente quanto à competência tradutória, reconhecendo que os tradutores além de precisar de conhecimentos de pelo menos dois idiomas, devem possuir conhecimento de mundo e de campo, teorias e métodos de tradução. Ademais, deve possuir algo a mais como, “competência translatória”, que engloba habilidades na análise das instruções do cliente e do trabalho original, estratégias de tradução, apresentação do trabalho traduzido (inclusive diagramação) (KAUTZ, 2000, p. 20 apud PYM, 2008, p. 18).

Desde os anos de 1980, na busca de conceituar o que caracteriza e determina o trabalho dos tradutores em expertise, os pesquisadores têm buscado propor um modelo para o que convencionamos chamar dentro dos Estudos da Tradução de competência tradutória. A base para o desenvolvimento de uma teoria de competência tradutória remonta às primeiras discussões constitutivas da disciplina de modo geral, e podem ser sintetizadas na constatação de que, mais que um esforço bilíngue ou uma

operação de transferência de material linguístico, a tradução requer e se manifesta segundo articulação de estratégias diversas (MELO, 2013, p. 96).

No modelo holístico oferecido pelo PACTE (Processo de Aquisição da Competência Tradutória e Avaliação) da Universidade Autônoma de Barcelona:

Considera-se que a competência tradutória é um conhecimento especializado que consiste de conhecimentos declarativos e, em maior proporção, operacionais, necessários para saber traduzir, que está composto de cinco subcompetências (bilíngue, extralinguística, conhecimentos sobre a tradução, instrumental e estratégica) e componentes psicofisiológicos (HURTADO ALBIR, 2005, p. 28).

A *subcompetência bilíngue* é integrada por conhecimentos essencialmente operacionais, necessários para a comunicação em duas línguas: conhecimentos pragmáticos, sociolinguísticos, textuais e léxico-gramaticais. A *subcompetência extralinguística*, por sua vez, é composta por conhecimentos, essencialmente declarativos, sobre o mundo em geral e de âmbitos particulares: conhecimentos (bi) culturais e enciclopédicos. A *subcompetência de conhecimentos sobre a tradução* também é integrada por conhecimentos declarativos, que envolvem os aspectos teóricos e profissionais da tradução. A *subcompetência instrumental* consiste em conhecimentos, essencialmente operacionais, relacionados com o uso de fontes de documentação e das tecnologias de informática e comunicação aplicadas à tradução. Já a *subcompetência estratégica* é integrada por conhecimentos operacionais que garantem a eficácia do processo tradutório. Ela controla o processo tradutório, servindo para planejá-lo e elaborar o projeto tradutório; avaliar o processo e os resultados parciais obtidos em função do objetivo final; ativar as demais subcompetências e compensar deficiências entre elas; identificar problemas de tradução e aplicar os procedimentos para a sua resolução (HURTADO ALBIR, 2005, p. 29).

A competência tradutória também é constituída por componentes psicofisiológicos, tais como: memória, percepção, atenção e emoção; aspectos de atitude (curiosidade intelectual, perseverança, rigor, espírito crítico, conhecimento e confiança em suas próprias capacidades, conhecimento do limite das próprias possibilidades, motivação); habilidades (criatividade, raciocínio lógico, análise e síntese, dentre outros) (HURTADO ALBIR, 2005, p. 29).

Todas essas subcompetências acima, bem como os componentes psicofisiológicos interagem entre si em todo ato de traduzir. Sendo que a competência

estratégica ocupa um lugar essencial porque afeta a todas, uma vez que serve para reparar deficiências e controlar todo o processo (HURTADO ALBIR, 2005, p. 29).

3.3.2 A Realidade da Formação dos Tradutores e Intérpretes no Brasil

De acordo com o Sindicato Nacional de Tradutores (SINTRA) a formação dos tradutores e intérpretes no Brasil é realizada através de cursos que são, normalmente, cursos de Graduação (Bacharelado). O tradutor ou intérprete pode prosseguir seus estudos em cursos de Extensão nas faculdades ou universidades. Além disso, é possível cursar a Pós-graduação *Lato Sensu* (Atualização e/ou Especialização) em universidades brasileiras ou no exterior para obter um treinamento profissional ainda mais aprofundado. Já a Pós-graduação *Stricto Sensu* (mestrado e doutorado) tem como finalidade a formação de pesquisadores no âmbito da tradução e não especificamente de tradutores ou intérpretes por assim dizer ‘operacionais’. Assim, quem deseja ser pesquisador ou professor universitário pode seguir este caminho. O curso de Mestrado e Doutorado em tradução no Brasil existe na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), em Florianópolis. Em outras universidades brasileiras, há linhas de pesquisa voltadas especificamente para os Estudos da Tradução ou há professores doutores que orientam pesquisas nessas áreas (SINTRA, 2019).

Existe, também, a Associação Brasileira de Tradutores e Intérpretes (ABRATES) que ajuda a profissionalizar o mercado de tradução e interpretação através do Programa de Mentoria Caminho das Pedras; o programa tem duração de seis meses, com duas reuniões por mês de uma hora cada. Mentor e mentorado são que definem periodicidade, duração e as datas de suas reuniões. Geralmente, elas acontecem pela ferramenta *Skype*, mas nada impede que elas sejam presenciais, também a exclusivo critério do par. Existe o coordenador da dupla que tem o papel de solucionar algum conflito que porventura aconteça entre o mentor e o mentorado; o coordenador, também, mantém o controle das reuniões realizadas, das futuras reuniões e dos tópicos cobertos. Esse programa é totalmente gratuito, o interessado precisa ter dois anos de experiência (no máximo, sem exceções) em tradução e/ou estar cursando o último ano de Letras ou Tradução/Interpretação. É imprescindível ser associado da ABRATES e estar em dia com as mensalidades (SOBOTA; REIS, 2016, p. 9-11).

3.3.2.1 A Formação de Tradutores em Sergipe

Em Sergipe, existem dois cursos de pós-graduação para a formação de tradutores; um no “Centro Universitário Claretiano” e o outro curso em outra Faculdade presente na capital do Estado, ambas disponibilizam ao público os seus projetos pedagógicos. No segundo caso, só os alunos matriculados na pós-graduação têm acesso a esse projeto, por isso a pesquisadora escolheu não citar o nome da segunda instituição.

O Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* do “Centro Universitário Claretiano” quanto à modalidade de ensino é à distância. Existem duas opções de curso nessa instituição - um com duração de dez meses, com dois encontros presenciais que funciona da seguinte forma: o aluno terá seu encontro inicial realizado por vídeo transmitido pela internet em data e horário específicos. Depois desta, terá dois encontros presenciais ao término de cada semestre, exclusivamente, para realização das avaliações. Outra opção de duração desse curso é de cinco meses com um encontro presencial, também, realizado por vídeo (essa opção é conhecida como “intensivo”), o aluno terá um encontro inicial, também realizado, por vídeo transmitido pela internet em data e horário específicos. Depois, terá um único encontro presencial ao término do semestre, exclusivamente para realização das avaliações de todas as disciplinas do curso. A metodologia e didática desse curso se apoiam nos seguintes princípios: 1) Princípio da Singularidade (cada pessoa merece atenção, respeito e valorização na comunidade educativa); 2) Princípio da Abertura (a comunidade educativa está aberta ao diálogo e deseja servir às pessoas, à comunidade e ao mundo); 3) Princípio da Integralidade (a comunidade educativa é profética e facilitadora da construção responsável de si e da investigação da verdade); 4) Princípio da Transcendência (queremos melhorar o que somos e o que fazemos); 5) Princípio da Autonomia (na comunidade educativa, cada um deve responder com empenho para o bem de todos); 6) Princípio da Criatividade (queremos ser criativos e proativos no cumprimento de nossa Missão); e 7) Princípio da Sustentabilidade (queremos que a Instituição viva e faça viver, por isso, com passos firmes no presente, olhamos para o futuro). Quanto à interdisciplinaridade: o curso apresenta uma inter-relação entre suas disciplinas específicas, ou seja, há um fio condutor que as permeia de forma que umas auxiliem as outras para uma formação mais completa do aluno. E quanto às atividades complementares: não se aplica (RAIZ, 2018-2021).

O curso citado anteriormente destina-se ao público de qualquer área de conhecimento, interessado na profissão de tradutor, desde que tenha o curso de graduação completo em qualquer área e possua familiaridade com a língua inglesa. O objetivo geral desse curso é oferecer a formação de tradutores através de conhecimentos teóricos relacionados a atividades práticas que envolvem várias áreas de atuação (literária, técnica, científica), visando à competência para desempenhar um bom trabalho, para lidar com os desafios das novas tecnologias solicitadas pelo mercado de trabalho da tradução, bem como para a formação acadêmica. A grade curricular é distribuída numa carga horária de 360 horas (RAIZ, 2018-2021).

O curso da Instituição cujo nome resolveu-se ocultar por questões de privacidade, chama-se Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Estudos da Tradução, Interpretação e Ensino da Língua Estrangeira. A modalidade de ensino é presencial. A duração desse curso é de vinte meses e as aulas são ministradas de 15 em quinze dias. O curso é destinado aos Graduados em Letras ou em qualquer outra área, e tem como pré-requisito, conhecimentos suficientes de Língua Inglesa, Língua Espanhola e/ou Língua Francesa. O curso é destinado, também, aos Docentes de Língua Inglesa atuantes na rede regular de Ensino Fundamental, Médio ou Superior; e professores de cursos de idiomas. Esse curso tem uma abordagem cujo objetivo é aprimorar o conhecimento de professores e profissionais que têm a língua estrangeira como ferramenta de trabalho. Desse modo, em sua grade curricular, distribuída numa carga horária de 400 horas, dá a possibilidade de o profissional de língua estrangeira solidificar seu conhecimento na língua estrangeira, formando tradutores e intérpretes profissionais capacitados a atender as necessidades atuais do mercado de tradução e da interpretação ou ensino de língua estrangeira. As metodologias de ensino-aprendizagem desse curso englobam: aulas teóricas e práticas, expositivas, seminários, dinâmicas, trabalhos em grupo, trabalhos individuais; possui interdisciplinaridade: todas as disciplinas desenvolverão atividades interdisciplinares, associando teoria e práticas pedagógicas e quanto às atividades complementares: poderá acontecer (visitas técnicas, palestras, workshop) (SERGIPE³, 2017).

³ Para manter o sigilo, vista a restrição de acesso do material, nas referências este projeto pedagógico será convencionalmente indicado com ‘SERGIPE’.

3.3.3 O Mercado da Tradução, entre a teoria acadêmica e a prática profissional

Há um amplo consenso de que o mercado de tradução está em expansão no Brasil e no mundo. No entanto, não parece haver dados numéricos confiáveis a respeito desse assunto. Por outro lado, parece impossível ignorar que a globalização bem como a consequente integração dos vários mercados vem contribuindo para o crescimento da profissão do tradutor e do intérprete (BARBOSA, 2005, p. 2).

A tradutora e pesquisadora Lia Wyler (2003) cita que os profissionais que atuam no mercado tradução são:

Tradutores de obras literárias e técnicas para editora; tradutores assalariados e autônomos que traduzem textos de circulação interna em empresas comerciais e públicas; intérprete e tradutores de conferências; tradutores públicos e intérpretes comerciais; tradutores de peças teatrais; tradutores de letras de música; tradutores para legendas de filmes; tradutores que transcrevem fitas gravadas; e, mais recentemente, tradutores de sites de internet e tradutores especializados em localização-tarefa de tornar um produto consumível pelo mercado brasileiro (WYLER, 2003, p. 13).

A teoria e a prática da tradução são indissociáveis. Toda teoria só existe a partir de uma experiência prática; dela se extrai sua lógica, e é ela que nutre o pensar. A partir da tradução de uma poesia, de uma peça teatral, de um texto acadêmico, de um texto religioso, de um livro, ou da observação de traduções realizadas por outrem, surge uma série de considerações, de problemas levantados, de questionamentos que vão gerar constatações de ordem teórica (DARIN, 1998, p. 419).

Durante o Curso de Especialização em Estudos da Tradução, Interpretação e Ensino da Língua Estrangeira a pesquisadora pôde constatar que tanto ela quanto os colegas de curso quando enfrentavam à tradução de um documento, tendiam à prática da tradução literal, estritamente aderente ao texto original, neutra e objetiva. É a tradução palavra por palavra, centrada mais na forma que corrobora com o que Souza (1998, p. 52) diz sobre esse assunto. Esse tipo de tradução é mais usado em documentos e em alguns textos jurídicos. Todavia, embora o posicionamento acadêmico seja este, a prática da tradução se revela muito mais complexa e amiúde a tradução literal acaba dando como produto uma tradução de má qualidade. Esse é um exemplo de que quando uma pessoa faz uma tradução ela pode gerar constatações de ordem teórica, servindo

nesse caso como reflexão para que os futuros tradutores repensem as suas práticas profissionais.

Dessa forma, o confronto entre várias traduções, entre várias possibilidades de leitura, pode levar o futuro tradutor a refletir e compreender a natureza de sua tarefa (DARIN, 1998, p. 423).

Os tradutores que estiverem iniciando no ramo da tradução devem conhecer o funcionamento do mercado da tradução (os diferentes tipos de tradutores, os diferentes tipos de tarefas e finalidades de tradução); conhecer e utilizar as ferramentas básicas do tradutor (conhecer as fontes de documentação, dominar as ferramentas informáticas, aprender a avaliar as fontes de documentação, adquirir estratégias de documentação); conhecer e saber gerenciar as etapas de elaboração de uma tradução (o que fazer antes, durante e depois de traduzir). Tudo que foi citado nesse parágrafo está relacionado com o desenvolvimento da subcompetência instrumental e da subcompetência de conhecimentos sobre tradução (no que tange a esses aspectos profissionais) (HURTADO ALBIR, 1996a; 1999c apud HURTADO ALBIR, 2005, p. 40).

Portanto, os egressos de cursos acadêmicos de formação de tradutores devem lidar com duas vertentes que marcam substancial diferença entre o mundo universitário e a prática do mercado: por um lado, o “saber fazer” e, por outro, o “saber viver” em um universo profissional peculiar.

No primeiro caso, o egresso ou o tradutor iniciante deve, mesmo conhecendo e dominando as várias teorias sobre a tradução, aprender a diferenciar as situações tradutórias e expressar-se da melhor maneira ou, pelo menos, na mais adequada ao contexto e ao material com o qual está trabalhando. Procurará maior atenção ao texto original quando se trate de traduções que requerem o máximo de fidelidade ao texto-fonte, mas também deverá aprender e saber se distanciar do texto original, não para traí-lo, mas para render da melhor maneira aquele mesmo texto, em outro idioma. Neste sentido, ressalta a pesquisadora que, enquanto na Europa e na América do Norte é hábito servir-se somente de tradutores nativos na língua-alvo, isso não ocorre no Brasil, onde é comum confiar traduções em idiomas estrangeiros também a brasileiros que afirmam ter conhecimentos suficientes para tal.

A segunda vertente diz respeito ao mercado de trabalho: a figura romântica do tradutor debruçado sobre seus alfarrábios ficou confinada às imagens ilustrativas da profissão, inspiradas em *best-sellers* literários. Porém, a realidade é outra: o profissional

da tradução é um profissional dinâmico, que domina todos os mais modernos sistemas de comunicação. O fato de ser competente em dois ou mais idiomas é ponto líquido e certo, é pré-requisito fundamental para se exercer essa profissão. O tradutor deve também se posicionar em determinado setor, definindo qual seria sua área de especialização. Mas é preciso que seja também confiável, pontual, competitivo, disponível, atento; deve aprender a gerir a parte financeira de seu trabalho, divulgar seus serviços, definir sua imagem virtual na Internet, contrastar a concorrência, encontrar seu próprio nicho de mercado, formar e manter sua carteira de clientes. Todos esses fatores, por mais que sejam abordados durante o curso, só poderão ser avaliados e ‘sentidos na pele’ quando se debruçar realmente no mercado de trabalho da tradução.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A profissão de tradutor e intérprete é reconhecida, porém nem todas as categorias são regulamentadas. Existe uma categoria nessa profissão que é regulamentada, são os Tradutores Públicos e Intérpretes Comerciais. Embora, para exercer essa profissão não se exija uma formação específica, sugere-se que o tradutor tenha uma formação acadêmica para que lhe dê embasamento teórico para refletir e compreender as dificuldades que serão enfrentadas em seu dia a dia de trabalho, bem como ter consciência da importância de seu ofício.

O tradutor que desejar se profissionalizar para exercer com primor sua atividade e se destacar em um mercado de trabalho competitivo pode fazer um curso de graduação, pós-graduação *Lato Sensu* (Atualização e/ou Especialização) em área de Tradução e Interpretação; pode fazer, também, uma mentoria pela ABRATES. Esse profissional deve buscar um estudo continuado no que diz respeito à tecnologia e a conhecimentos, sobre terminologia, lexicografia, técnica de revisão e de gestão de projetos de tradução, podendo fazer curso na modalidade de ensino presencial ou à distância. A carreira de tradutor é uma possibilidade de inserção no mercado de trabalho e esse profissional necessita ser bilíngue, possuir um conhecimento de mundo e de campo, ter conhecimentos declarativos, operacionais, conhecimentos extralinguísticos, conhecimento sobre tradução, conhecimentos sobre estratégias de tradução, domínio de ferramentas específicas, tais como: programas de legendas e sistema de memória de tradução. O profissional deve ter habilidade tanto de trabalhar sozinho como em equipe,

possuir habilidade de negociar prazos e preços com clientes, bem como deve ser organizado para cumprir prazos.

Espera-se que este trabalho possa servir como fonte de consulta para tradutores profissionais em seu início de carreira, mas também que possa servir como um norte para quem, como pessoa física ou jurídica, necessite dos serviços de um tradutor, e saiba que, para além do preço, há vários outros elementos a ser considerados, tais como formação profissional, experiência na área de tradução, competência tradutória, dentre outros fatores. Esperamos que a escassa oferta de serviços profissionais de tradução e interpretação em nosso Estado possa ser reconsiderada, também graças a este trabalho, pelo mundo empresarial e também acadêmico, e assim alavancar novas atividades que possam oferecer serviços profissionais e valorizar os recursos humanos imprescindíveis à sua realização.

Sugerimos iniciativas empresariais dedicadas a incrementar a oferta de serviços em nosso Estado, valorizando os profissionais já existentes e em formação.

REFERÊNCIAS

ANCHIETA, José de. **Teatro Anchieta: obras completas**. V. III. Originais acompanhados de tradução versificada, introdução e notas do padre Armando Cardoso. São Paulo: Edições Loyola, 1977.

BARBOSA, Heloísa Gonçalves. Tradução, mercado e profissão no Brasil. **Revista Confluências-Revista de Tradução Científica e Técnica**. n. 3, p. 6-24, nov. 2005.

BRASIL. Legislação Federal do Brasil. **Decreto Federal n. 13.609, de 21 de outubro de 1943**. Fonte Coleções das Leis do Brasil. Disponível em: <http://legislacao.planalto.gov.br/legisla/legislacao.nsf/Viw_Identificacao/DEC%2013.609-1943?OpenDocument>. Acesso em: 18 jun. 2019.

BRASIL. **Portaria nº. 3.264, de 27 de setembro de 1988**. Publicada no Diário Oficial em 3 de outubro de 1988.

BRASIL. **Classificação Brasileira e Ocupações: CBO-210**. 3. ed. Brasília: MTE, SPPE, 2010. V. 3, 196 p.

COSTA, Diogo Neves da. Os objetivos da tradução: da história à contemporaneidade e seu ensino no Brasil. **Entrepalavras**. Fortaleza, ano 2, v. 1, n. 1, p. 155-174, jan./jul. 2012. Disponível em: <<http://www.entrepalavras.ufc.br/revista/index.php/Revista/article/viewFile/49/100>>. Acesso em: 30 jan. 2019.

DARIN, Leila Cristina de Mello. O ensino da tradução em nível universitário: indagações e propostas. **Cadernos de Tradução**, v. 1, n. 3, p. 419-428, 1998. Disponível em: <<<https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/5395/4938>>. Acesso em: 01 jul. 2019.

FROOM, Guilherme. Ferramentas de auxílio e terminologia: algumas considerações para aprendizes de tradução e seus cursos. **Revista de Linguística**, [S.D.], v. 5, n. 2, maio 2015. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/rl/article/view/4428/3200>>. Acesso em: 27 maio 2019.

HERNANDES, Paulo Romualdo. **O teatro de José de Anchieta: Arte e Pedagogia no Brasil Colônia**. Campinas: Alínea/FAPESP, 2008.

HURTADO ALBIR, Amparo. A aquisição da competência tradutória: aspectos teóricos e didáticos. Trad. Fábio Alves. In: PAGANO, Adriana; MAGALHÃES, Célia; ALVES, Fábio. (Org). **Competência em Tradução: cognição e discurso**. Belo Horizonte: HUMANITAS/UFGM, 2005. p. 19-57. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4631291/mod_resource/content/1/HURTADO_aquisic%CC%A7a%CC%83o%20da%20CT.pdf>. Acesso em: 22 jun. 2019.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Editora Atlas, 2010.

MARTINS, Márcia do Amaral Peixoto. Novos desafios na formação de tradutores. **Cadernos de Tradução**. Florianópolis, v. 1, n. 7, p. 25-44, abr. 2006. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/6855>>. Acesso em: 27 jan. 2019.

MELO, Sheila de Souza Corrêa. Tradução automática e competência tradutória: repensando intersecções. **Rónai: Revista de estudos clássicos e tradutórios**. UFJF-Juiz de Fora, v. 1, n. 1, p. 87-104, 2013. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/312054840_Traducao_automatica_e_competencia_tradutoria_repensando_intersecoes>. Acesso em: 01 fev. 2019.

PEREIRA, Elaine Marque. **Tradução indígena e diversidade cultural**. Trabalho de conclusão de curso. Centro Universitário Adventista de São Paulo, (UNASP), Engenheiro Coelho, 2012.

PERES, Fernando da Rocha; LA REGINA, Sílvia. (orgs). **Um códice setecentista: inédito de Gregório de Matos**. Salvador: EDUFBA, 2000, 254 p. Disponível em: <https://archive.org/stream/UmCodiceSetecentista/Um%20Codice%20setecentista_djvu.txt>. Acesso em: 27 maio 2019.

PIRES, Antônio. Donizete. Personas gregorianas: A poesia de Gregório de Matos e as convenções retóricas. In: **Revista Itinerários** n. 13: Araraquara, 1998. p. 163 -183. Disponível em: <<https://periodicos.fclar.unesp.br/itinerarios/article/view/2854>>. Acesso em: 28 maio 2019.

PYM, Anthony. Redefinindo competência tradutória em uma era eletrônica. Em defesa de uma abordagem minimalista. **Cadernos de Tradução**. Florianópolis, v. 1, n. 21, p. 9-40, nov. 2008. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2008v1n21p9>>.

RAIZ, Amanda Cristina Martins. **Projeto Político Pedagógico**. Batatais, 2018-2021. Disponível em: <https://sgo.claretiano.edu.br/static/projetos/103/original/PPPCPOS_Formacao_Tradutores_em_Lingua_Inglesa_2018_2021.doc.pdf>. Acesso em: 19 jun. 2019.

RODRIGUES-MOURA, Enrique. “Manoel Botelho de Oliveira em Cimbra. A comédia Hay amigo para amigo (1663)” In **Navegações Revista Cultura e Literaturas de Língua Portuguesa**. v. 2, n.1, Rio Grande do Sul, jan.-jun. 2009. p. 31-38. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/navegacoes/article/view/5121/3760>>. Acesso em: 27 maio 2019.

SERGIPE. **Projeto pedagógico do Curso de Estudos da Tradução, Interpretação e Ensino da Língua Estrangeira**. Aracaju, 2017.

SILVA-REIS, Dennys; MILTON, John. História da Tradução no Brasil: percursos seculares. **Revista Translatio**. Porto Alegre, n. 12, dez. 2016. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/translatio/article/view/69413>>. Acesso em: 27 maio 2019.

SINTRA-Sindicato Nacional dos Tradutores. **Informações para estudantes e professores de tradução e interpretação.** Disponível em: <<http://www.sintra.org.br/site/?p=c&id=37>>. Acesso em: 15 jun. 2019.

SOBOTA, Adriana de Araújo; REIS, Mônica. Caminho das pedras. **Metáfrase (Revista da ABRATES)**. 2 ed., dez. 2016. Disponível em: <https://abrates.com.br/wp-content/uploads/2017/03/metafrase_2edicao.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2019.

SOUZA, José Pinheiro. Teoria da tradução: uma visão integrada. **Rev. de Letras**. v. 1/2, n. 20, jan./dez, p. 51-67, 1998. Disponível em: <<http://www.revistadeletras.ufc.br/rl20Art09.pdf>>. Acesso em: 3 fev. 2019.

WYLER, Lia Carneiro da Cunha Alverga. **Línguas, poetas e bacharéis: uma crônica da tradução no Brasil.** Rio de Janeiro: Rocco, 2003, 158p. Disponível em: <<http://docplayer.com.br/17487555-Wyler-lia-linguas-poetas-e-bachareis-uma-cronica-da-traducao-no-brasil-rio-de-janeiro-rocco-2003-158p.html>>. Acesso em: 20 jun 2019.

ZERFASS, Angelika. *Evaluating translation memory systems*. LREC-2002: **Third International Conference on Language Resources and Evaluation**. Workshop: Language resources for translation work and research; Las Palmas, 2002, p. 49-52. Disponível em: <<http://www.mt-archive.info/LREC-2002-Zerfass.pdf>>. Acesso em 15 jun. 2019.